

[ARTIGO]

**OLIGARQUIA, PODER E IMAGINÁRIO POLÍTICO:
A TRAJETÓRIA E O DECLÍNIO DA FAMÍLIA
ROSADO EM MOSSORÓ/RN**

Vanderlânia Crislany da Silva Ferreira¹

Cyntia Carolina Beserra Brasileiro²

Terezinha Cabral de Albuquerque Barros Neta³

Arlindo Souza Neto⁴

INTRODUÇÃO

Oligarquia é uma palavra de origem grega que, em sua tradução literal, pode ser definida como “governo de poucos”, ou seja, governos dominados por um único grupo a partir de seus próprios interesses. Entendemos oligarquias como grupos formados por parentes, cujo objetivo principal torna-se a permanência no poder e a garantia da continuidade de seu sobrenome em determinada localidade.

Nas Ciências Sociais, há diversas pesquisas sobre oligarquias e poder local (Monteiro, 2016; Lima, 2013; Leal, 1986; Lemenhe, 1995) que discutem a permanência política de grupos familiares em determinadas regiões. As oligarquias, mantidas por meio da força econômica de um grupo isolado e do tradicionalismo local, construído por meio do clientelismo e do empreguismo, possuem o poder de controlar a política formal e fazem com que representantes e grupos tratem os municípios como propriedade privada.

¹ Mestra em Ciências Sociais e Humanas pelo PPGCISH da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: vanderlaniafferreira@gmail.com.

² Docente do curso de Ciências Sociais e Política e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas (PPGCISH) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: cyntiacarolina@uern.br.

³ Docente do curso de Ciências Sociais e Política e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas (PPGCISH) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: terezinhacabral@uern.br.

⁴ Docente substituto do curso de Ciências Sociais da UFRPE e do Programa de Ciências Sociais e Humanas (PPGCISH) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: arlindosociologo@gmail.com.

O recorte analítico e geográfico aqui proposto é realizado a partir de Mossoró, cidade do Rio grande do Norte (RN), onde encontra-se a família Rosado. “Os Rosados”, como são conhecidos popularmente na região, é uma família com algum reconhecimento no interior do RN, com presença tradicional na política municipal da cidade há décadas. Nomeados pelo sobrenome da família é possível encontrar em Mossoró diversas ruas espalhadas pela cidade, além de bairros e escolas nomeadas em homenagem a integrantes da família. Os equipamentos de maior destaque são o aeroporto da cidade, o principal teatro local e alguns dos municípios vizinhos. Isso evidencia uma clara manutenção e prática do “fazer ver, pensar e sentir” (Gomes, 2004).

O artigo proposto pretende identificar como, ao longo dos anos, a família Rosado conseguiu se consolidar enquanto oligarquia influente na cidade, bem como sua atual influência em Mossoró. A proposta aqui apresentada parte da análise de recortes históricos debatidos na bibliografia especializada, a fim de dialogar analiticamente com alguns aspectos históricos da família e suas ações contemporâneas na cidade de Mossoró, especialmente quando se fala de eleições municipais e seus desdobramentos.

Também foi realizado outro movimento metodológico por meio do mapeamento das eleições municipais entre os anos de 2000 e 2022 na cidade de Mossoró, tendo como objetivo identificar quantas candidaturas são de membros da família Rosado e quais se efetivaram. Para além disso, e considerando que os integrantes da família não limitam sua participação política apenas ao âmbito municipal, ampliou-se a identificação de sua influência regional. Dessa maneira, foi realizado o recorte e a análise das eleições parlamentares ocorridas entre 1998 e 2022. Esse mapeamento foi realizado por meio do site oficial do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), no repositório de dados abertos.

A partir da revisão bibliográfica e dos dados coletados, buscou-se identificar os períodos em que a família Rosado esteve mais presente na política formal, bem como aqueles em que isso não foi possível, e os contextos nos quais esse fenômeno ocorreu. Para fins de organização, este artigo está estruturado, além desta introdução e das considerações finais, em três seções principais. Na primeira, intitulada “O país de Mossoró”, discute-se a formação histórica, econômica e social da cidade, evidenciando as condições que possibilitaram o surgimento de uma elite local e a centralidade regional do município. Na segunda seção, “A família Rosado”, analisa-se a origem, a ascensão e a consolidação do grupo enquanto oligarquia, destacando suas estratégias de inserção política, alianças familiares e construção de um imaginário simbólico que associa a trajetória da família à história da cidade. Por fim, na terceira seção, “A continuidade dos Rosados”, examinam-se as estratégias de adaptação política ao longo do tempo, os conflitos internos e, sobretudo, os indícios de enfraquecimento e declínio recente da influência da família no cenário político local e estadual.

2. O PAÍS DE MOSSORÓ⁵

A cidade de Mossoró possui uma população estimada em mais de 260 mil habitantes e é conhecida como a capital do Semiárido nordestino, sendo a segunda maior cidade do Rio Grande do Norte, logo após a capital do estado, Natal. Mossoró é a principal cidade do interior, destacando-se pela oferta de serviços e pela centralidade regional, atraindo moradores de cidades vizinhas e de menor porte, como Assu, Serra do Mel, Governador Dix-Sept Rosado, Baraúna, entre outras, que buscam atendimentos específicos. É na cidade que se localizam os campi centrais de duas das maiores universidades do estado: a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e a Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA).

Foi durante o período de 1857 a 1870 que Mossoró iniciou sua expansão no comércio local. Três fatores são apontados como centrais para a evolução comercial da cidade: o protecionismo econômico, no qual o Estado atuou diretamente no processo econômico e na reprodução do trabalho; o espaço geográfico, uma vez que Mossoró se encontrava em uma área central entre o litoral, associado ao sal, às oficinas de carne seca, à pesca e ao porto de Mossoró, e o sertão, com acesso à pecuária e ao algodão; e, por fim, as secas, que se tornaram um elemento estratégico para a economia local, pois impulsionaram o deslocamento de trabalhadores para o litoral do estado, sendo estes utilizados como mão de obra barata em serviços comerciais (Santos, 1995).

Santos (1995) relata que essas condições estabeleceram Mossoró como um centro de exportação e importação de mercadorias, passando a ser vista como um local de oportunidades e lucro para diversos comerciantes, que transferiram seus negócios de cidades como Aracati, Sobral e Pombal para Mossoró. A cidade também contava com polos comerciais de estrangeiros, como Antônio da Silva Medeiros, português que atuava no comércio de ferragens, e Ulrich Graff, suíço que possuía filiais em Natal e Belém do Pará, além de atuar na importação e exportação de algodão, peles e ceras.

Segundo o autor, foi nesse contexto que estrangeiros e empreendedores locais, como Francisco Gurgel de Oliveira, Idalino Alves de Oliveira, Almeida Castro e Jerônimo Rosado, passaram a compor “uma burguesia dinâmica, cujas ideias e humanismo telúrico foram sendo legados às gerações posteriores, que sonharam com o país de Mossoró” (Santos, 1995, p. 17). Nesse cenário, tornou-se fundamental para a burguesia local manter a hegemonia comercial no Nordeste e garantir a ascensão da cidade (Lucas, 2019).

Nesse contexto, Mossoró passou a atrair jovens recém-formados, como médicos, advogados, empresários, farmacêuticos e outros profissionais liberais, oriundos principalmente do Ceará, da Paraíba e de Pernambuco, que migravam com a perspectiva de uma cidade em desenvolvimento. Contudo, apesar de seu forte comércio, Mossoró não conseguiu sustentar essa posição por muito tempo, o que acabou beneficiando cidades como Fortaleza e Campina Grande. Ainda

⁵ Termo criado pelo escritor Vingt-Un Rosado para se referir a cidade em seus textos da Coleção Mossoroense (Fernandes, 2015).

assim, a cidade continuou a apresentar importantes atrativos para a população de outras regiões, como teatros, cinemas, escolas, jornais de circulação semanal e o primeiro e único banco privado do Rio Grande do Norte com capital local (Lucas, 2019).

3. A FAMÍLIA ROSADO

É nesse ambiente que Jerônimo Rosado é inserido. Rosado sai da Paraíba e chega a Mossoró em 1890, a pedido de Almeida Castro, onde abre sua farmácia e constitui sua numerosa família, ao todo, são 21 filhos (Santos, 1995). Quando aliadas à influência econômica e familiar, criam-se condições propícias e maiores chances de acesso e controle a cargos de liderança na administração pública (Monteiro, 2016). Não obstante, o diferencial da família Rosado está na visão e na forma como constituíram seu capital político. Ao contrário de diversas outras famílias oligárquicas, os Rosados não dominaram a cidade por serem donos de terras; na verdade, seu apelo decorreu de sua inserção ativa na cidade desde sua chegada. Câmara Cascudo (1953 apud Santos, 1995) escreve:

Mossoró, cidade há vinte anos, era, quantitativamente, a vila de 1852. Água de cacimba e, para os abastados, a cisterna. Nem um palmo de calçamento. Iluminação das estradas e dos plenilúnios. Em 1890, vai se reunir Jerônimo Rosado ao Dr. Castro, que o fizera deixar Catolé do Rocha e fixar-se em Mossoró. “Seu” Rosado foi o menos político dos homens. Apenas acompanhava Almeida Castro. O que realmente o interessava era Mossoró. Os homens eram acidentados sobre a terra e os filhos (Cascudo, 1953 apud Santos, 1995, p. 19-20).

Jerônimo Rosado foi visto como um cidadão ativo da cidade, que desejava o desenvolvimento de Mossoró, e não necessariamente o poder político. Entretanto, pouco tempo depois, entre 1908 e 1910, tornou-se intendente da cidade, cargo equivalente ao de vereador, e, entre 1917 e 1919, foi eleito chefe da Intendência, equivalente, atualmente, ao cargo de prefeito de Mossoró (Lucas, 2019).

A força da família não estava apenas em Jerônimo, mas também em suas conexões com outras famílias importantes da cidade. À medida que seus filhos cresceram, passaram a ocorrer uniões com famílias influentes social e economicamente, como Escóssia, Ciarlini, Cantídio e Fernandes (Lucas, 2019). A união em prol da permanência é um traço que caracteriza os Rosados até os dias atuais. Esses arranjos ocorreram por meio do matrimônio, mas também se manifestaram em outras formas institucionais, como o apoio político.

Segundo Nascimento (2009), a força política da família ascende junto ao fortalecimento das lideranças políticas do interior do Rio Grande do Norte entre 1920 e 1930, em decorrência da queda da importância do açúcar e do crescimento do algodão e da pecuária. Vale mencionar que, nesse momento, os Rosados já estavam ligados à família de Rafael Fernandes, ex-governador do estado, por meio de alianças matrimoniais, adentrando, assim, o campo político e econômico da cidade.

O primeiro cargo ocupado por um dos filhos, entretanto, ocorreu apenas em 1948, quando Jerônimo Dix-Sept Rosado foi eleito prefeito de Mossoró. Em Nóbrega (2007 apud Felipe, 2001), observa-se que foi Dix-Sept Rosado quem buscou organizar a família na política institucional, por meio de uma:

“equipe funcional”, uma divisão do trabalho político entre os irmãos, fortalecendo essa estrutura de base que é a família. Num primeiro momento, que é o definido por Dix-Sept, Vingt Rosado (farmacêutico), que já era vereador, manteria a coordenação desse poder local (Vingt foi duas vezes vereador [...]); Dix-Huit Rosado (médico), que era deputado estadual, seria o parlamentar do grupo (Dix-Huit foi deputado estadual – um mandato –, deputado federal – dois mandatos –, senador – um mandato [...]). Vingt-Un (agrônomo), Dix-Neuf e Duodécimo compunham o sustentáculo financeiro do grupo, cuidando das empresas da família (gesso, sal e oficinas retificadoras de motores), mas Vingt-Un exerceria também outra função: a de intelectual do grupo e homem ligado à educação, que propõe, por meio dos livros publicados pela Coleção Mossoroense, “esculpir a história da cidade” [...] (Nóbrega, 2007, p. 32 apud Felipe, 2001, p. 93).

Com isso, é possível identificar a estrutura estabelecida pela família, cujo objetivo não se restringia à ascensão de seu capital político e econômico, mas também à continuidade de seu nome na cidade de Mossoró. Como mencionado por Nóbrega, outra função também se consolidava, e viria a se tornar extremamente relevante para o grupo familiar.

Quando se fala da ascensão dos Rosados na cidade, fala-se também do imaginário e da cultura mossoroense, uma vez que ambos estão profundamente interligados. Ao adentrar a cidade, é possível observar, por meio de placas, nomes de ruas e bairros, diversas homenagens a esses representantes. Esse imaginário é construído de forma estrutural e simbólica para solidificar a presença desses grupos na estrutura de poder. Nas palavras de Monteiro (2016), os “herdeiros de famílias políticas têm seus antecessores ‘eternizados’ em lugares de memória com os quais a população mantém relação” (p. 270).

João da Escóssia iniciou o jornal *O Mossoroense* com o objetivo de inserir a trajetória familiar dos Escóssias no imaginário político da cidade, especialmente em torno do 30 de setembro de 1883, data da libertação dos negros em situação de escravidão em Mossoró (Falcão, 2018). Segundo Falcão (2018), o cuidado com o que era escrito e distribuído fez de *O Mossoroense* um “guardião do passado”. O autor reforça que o 30 de setembro, juntamente com o 13 de junho de 1927, data em que a cidade resistiu ao ataque de Lampião, foram lembrados anualmente a fim de construir uma narrativa de glorificação da cidade de Mossoró, bem como reiterar seu pioneirismo na resistência aos cangaceiros e na abolição da escravidão, prática que se manteve até o final da década de 1940.

Em 1948, com a eleição de Dix-Sept Rosado, Lauro da Escóssia foi nomeado secretário municipal. Nesse contexto, *O Mossoroense* passou a contar também com a participação dos Rosados na construção da história da cidade. Além disso, Vingt-Un Rosado, irmão de Dix-Sept, criou a Coleção Mossoroense,

uma editora que tinha como objetivo principal propagar a importância de Mossoró para sua família e, conseqüentemente, a importância de sua família para Mossoró, também por meio da valorização dos dois acontecimentos mais marcantes da cidade: o 13 de junho e o 30 de setembro (Falcão, 2018).

Vingt-Un foi responsável pela publicação e edição da Coleção Mossoroense, mas o financiamento, inicialmente proveniente da Prefeitura Municipal e, posteriormente, da Escola Superior Agrícola de Mossoró (ESAM), não era contínuo. Segundo o próprio Vingt-Un, a prefeitura não realizava o repasse integral dos valores à editora e, após desentendimentos com Joaquim Amaro Filho, diretor da ESAM, os repasses também foram interrompidos. Esse contexto culminou na criação da Fundação Vingt-Un Rosado (FVR), que tinha como objetivo captar doações para a publicação de livros (Fernandes, 2015).

De acordo com Fernandes (2015), foi a partir desse momento que Vingt-Un passou a adotar uma postura mais incisiva, defendendo que os governantes, tanto de Mossoró quanto do Rio Grande do Norte, não se importavam suficientemente com a cultura. Inicia-se, assim, não apenas a construção de sua imagem como intelectual, mas também a definição do tipo de intelectual que representava, especialmente ao se posicionar de forma crítica aos governantes, assumindo o papel de defensor da cultura mossoroense. A autora afirma que:

Dizer que Vingt-Un pedia dinheiro emprestado para produzir livros ajudava a construir a representação de que o intelectual era uma pessoa que se sacrificava pela ciência, pela cultura e pela cidade de Mossoró. Por sua vez, essa representação contribuía para a construção de outra, segundo a qual ele seria o único a se preocupar com Mossoró, o único a conhecer cuidadosamente a história da cidade e, por isso, deveria ser visto como o guardião de sua memória. Somado a isso, afirmar que contraía empréstimos para publicar livros reforçava publicamente seu amor por Mossoró e evidenciava que sua dedicação à cidade estava acima de interesses financeiros (Fernandes, 2015, p. 118).

Posto isso, é possível identificar a tentativa da família Rosado de se vincular a Mossoró em um nível distinto das demais oligarquias do Nordeste: em um nível pessoal. Vingt-Un e o patriarca da família, Jerônimo Rosado, exemplificam esse processo, ao buscarem, cada um à sua maneira, inserir o nome da família na base da história da cidade, sempre associados à ideia de um “bem maior”, isto é, o bem de Mossoró. Não se apresentavam como agentes motivados por dinheiro ou fama, mas por um suposto compromisso com o desenvolvimento da cidade.

A Coleção Mossoroense desempenhou um papel ativo na formação do imaginário da população acerca da família Rosado. Esse controle, aqui compreendido também como um recurso midiático, configura-se como um poder extensivo à família. Fernandes (2015) atribui à coleção um caráter autobiográfico, uma vez que Vingt-Un, responsável pela escrita, edição e seleção dos textos, frequentemente produziu conteúdos, com ou sem a colaboração de terceiros, sobre si mesmo, seu pai, seus irmãos e sua esposa. Isso possibilitou que a narrativa fosse construída segundo os interesses de Vingt-Un e de sua família.

Cirilo (2016) reforça a ideia de que, inicialmente, a família Rosado não se configurava como um grupo político institucionalizado. Segundo o autor, Jerônimo Rosado atuava mais como um “cabo eleitoral” do que como um político propriamente dito, inicialmente acompanhando Almeida Castro e, posteriormente, Rafael Fernandes. Ainda assim, mesmo sem uma atuação política formal, os vínculos da família com lideranças políticas e com a população local mostraram-se suficientes para garantir sua permanência no poder. Para Cirilo (2016), os principais fatores para o sucesso da família estavam associados ao “oportunismo partidário, ao clientelismo, ao empreguismo e, sobretudo, à insistência em uma estratégia simbólica de atrelar a história da cidade à da família” (p. 47).

Em *A elite do poder*, Wright Mills afirma:

Em toda cidade média ou pequena da América, um grupo superior de famílias paira acima da classe média e sobre a massa de assalariados, funcionários, camponeses e desempregados. Tais famílias possuem a maior parte do que existe localmente para ser possuído. Seus nomes e retratos são impressos com frequência nos jornais e, na realidade, os jornais são deles, assim como as duas estações de rádio. Também são proprietários da maioria das lojas comerciais e das poucas fábricas existentes (Mills, 1981, p. 41).

Mills (1981) retrata de forma precisa a realidade do poder local dominado por oligarquias. Durante a expansão da cidade de Mossoró, observa-se que as famílias influentes eram aquelas detentoras de forte poder econômico. Mesmo não sendo proprietário de terras, como outros patriarcas oligárquicos, Jerônimo Rosado ainda se encontrava em posição superior ao mossoroense médio. Seus filhos, ao adentrarem os meios de comunicação, passaram a ocupar espaços estratégicos e a construir narrativas dificilmente contestáveis — uma vez que eram produzidas e organizadas por eles próprios.

4. A CONTINUIDADE DOS ROSADOS

Uma característica marcante da família sempre foi sua capacidade de adaptação, o que a manteve alinhada aos governos federal e estadual. Após o Estado Novo, os Rosados adentraram a política institucional com discursos voltados à democracia e à renovação. Durante o golpe militar de 1964, seu discurso passou a contemplar a “Revolução” (Cirilo, 2016). Dix-Sept Rosado, eleito prefeito de Mossoró e governador do Rio Grande do Norte, demonstra isso em suas estratégias políticas para alcançar o poder.

Silva (2004 apud Cirilo, 2016) relata que Dix-Sept se apropria do populismo de Vargas e se apresenta como defensor da classe operária, utilizando discursos voltados à mudança e de caráter assistencialista. Durante sua campanha, chegou a afirmar que, caso o Ministério do Trabalho fosse fechado, encontraria um local para que os trabalhadores se reunissem, ainda que fosse debaixo de árvores.

Lucas (2019) expõe como a morte de Dix-Sept desestabilizou a família Rosado. Primeiramente, porque nenhum sucessor havia sido preparado para dar continuidade à sua trajetória longa e bem-sucedida; em segundo lugar, porque

sua morte, sendo ele amplamente reconhecido e aceito para além da política local de Mossoró, colocava em suspenso o projeto dos Rosados de se consolidarem como uma oligarquia estadual. Ainda assim, foi decidido pela família que Vingt seria o novo chefe político, mesmo sendo mais jovem que seu irmão, Dix-Huit. Essa escolha se deu porque Vingt era considerado o “homem do povo”, enquanto Dix-Huit era visto como o “homem dos gabinetes”.

Embora essa decisão tenha sido tomada de forma amigável, tendo em vista a permanência da família na política, em 1982 ocorreu o primeiro conflito interno. Durante a disputa pelo governo do Rio Grande do Norte entre Aluizio Alves e José Agripino, a família Rosado, liderada por Vingt e seus irmãos, decidiu apoiar Aluizio Alves. No entanto, Carlos Augusto Rosado (PP), filho de Dix-Sept Rosado, discordou e apoiou José Agripino. O conflito se intensificou em 1985, quando Vingt deixou o Partido Social Democrático (PSD) e se filiou ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), ocasionando o rompimento entre Carlos Augusto e seus tios, além de uma aliança, não bem recebida, com José Agripino e Tarcísio Maia (Lucas, 2019).

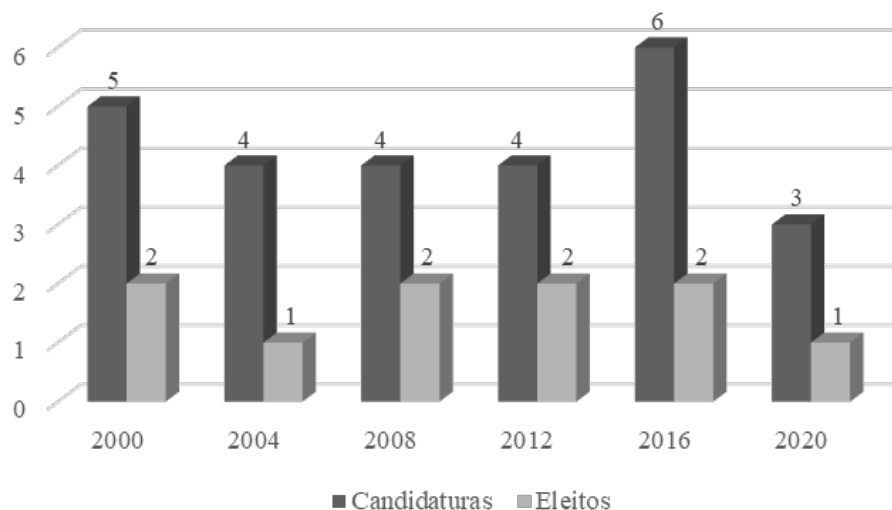
Segundo Lucas (2019), foi apenas em 1988 que a divisão da família Rosado se tornou explícita, quando Laíre Rosado (MDB) e Rosalba Ciarlini (PP) decidiram disputar a Prefeitura de Mossoró. Laíre Rosado vinha, gradualmente, consolidando-se como sucessor de Vingt e Dix-Huit, especialmente após o distanciamento de Carlos Augusto, que, à época, lançou a candidatura de sua esposa. No entanto, após um favor concedido por Aluizio Alves e José Agripino a Dix-Huit, foi solicitado, como contrapartida, o apoio deste a Rosalba Ciarlini, o que resultou no rompimento político entre os irmãos.

Ainda segundo Lucas (2019), a família Rosado controlava duas emissoras de rádio na cidade: a Rádio Tapuyo, pertencente a Dix-Huit, e a FM Resistência, de Vingt. A campanha de Laíre e Rosalba foi marcada por provocações e ofensas veiculadas nos programas radiofônicos. Havia também a Rádio Libertadora, de José Agripino, e a Rádio Difusora, de Aluizio Alves; no entanto, estas apenas se envolviam, seja para atacar ou defender, quando havia interesse direto de seus proprietários.

Nascimento (2009), a partir de Ana Maria Lucas, teoriza que essa divisão familiar pode ter funcionado como uma estratégia para manter o poder político local concentrado na própria família, uma vez que, a partir desse momento, as eleições passaram a ser disputadas majoritariamente entre membros dos Rosado, que se tornaram, simultaneamente, a primeira e a segunda opção eleitoral. Nesse contexto, a família se divide em dois blocos: o de Laíre Rosado e sua esposa, Sandra Rosado (UNIÃO), e o de Rosalba Ciarlini e Carlos Augusto Rosado. Assim, a oposição a um Rosado passava a ser outro Rosado.

A seguir (gráfico 1), podemos visualizar a efetividade da família em Mossoró, mesmo dividida, entre 2000-2020 nas eleições municipais.

Gráfico 1 – Membros da família Rosado candidatos e eleitos entre 2000 a 2020 para os cargos municipais em Mossoró/RN.



Fonte: TSE, 2024. Elaboração dos autores.

De acordo com os dados do TSE, percebemos que o número de membros da família que se candidatam em todas as eleições nos últimos 20 anos é constante, mas sua efetividade vai diminuindo com o passar dos anos, especialmente a partir de 2016; foi neste ano onde mais houve candidaturas de membros da família Rosado⁶, mas sua efetividade permaneceu a mesma dos outros anos. Em 2016 também foi o último ano que Rosalba Ciarlini Rosado assumiu a prefeitura de Mossoró, antes de falhar em sua tentativa de reeleição em 2020 quando perdeu para Allysson Bezerra (UNIÃO). Fora a prefeitura, a outra única vitória da família em 2016 foi de Sandra Rosado, representante do outro lado dos Rosados, que se elegeu vereadora da cidade.

A derrota de Rosalba foi um choque cheio de significado para a cidade, pois foi a primeira vez em que houve uma quebra do poderio da família. Allysson Bezerra não apenas saiu vitorioso contra Rosalba, que já havia sido prefeita de Mossoró 4 vezes, como também não obteve apoio de nenhuma parte da família ou qualquer outra oligarquia. Em Cirilo (2016), vemos que:

Da família Rosado comandaram a Prefeitura de Mossoró Vingt Rosado (1953- 58), Dix-huit Rosado (1973-77, 1983-89 e 1993-96), Rosalba Ciarlini Rosado (1989-93, 1997-2001 e 2001-2005), Sandra Maria da Escóssia Rosado (1996) e Maria de Fátima Rosado Nogueira (2005-09 e 2009-13). Eles ainda deram apoio a Jorge de Albuquerque Pinto (vice que terminou o mandato de Dix-sept, que se elegeu governador - 1950-51), Francisco Vicente de Miranda Mota (1951-53), Joaquim Felício de Moura (1956-57 - em substituição temporária do titular Vingt Rosado), Raimundo Soares de Souza (1963-68), Joaquim da Silveira Borges Filho (1968-69), João Newton da Escóssia (1977-82) e Alcides Fernandes da Silva (1982/83) (Cirilo, 2016, p. 48).

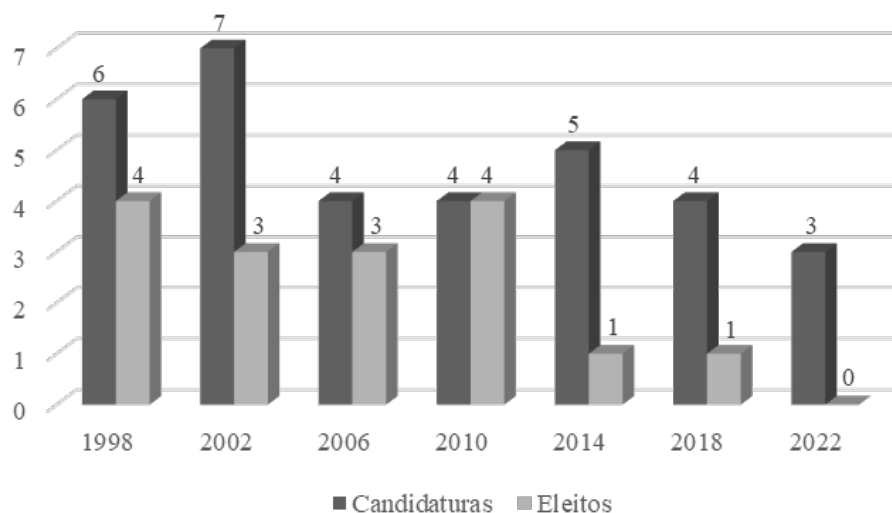
Com isso, percebemos que a influência da família faz os candidatos acessarem recursos garantidos, uma vez que ela se constrói historicamente aliada

⁶Houve também o candidato Higo Taciano Rosado Moraes (Higo do Camarão) concorrendo para vereador durante o pleito de 2016, contudo, após pesquisas, nenhuma relação entre ele e a família Rosado politicamente ativa foi localizada. Diante disso, ele não foi adicionado a análise.

à máquina estatal um conjunto de privilégios, que ela mesmo utiliza. Torna “comum” a vitória de membros da família, assim como também seu apoio político para eleger outros candidatos, em alguns casos parentes e em outros personagens que não fazem parte da parentela.

O cenário de eleições parlamentares também nos mostra o declínio da família de maneira ainda mais clara a seguir (gráfico 2):

Gráfico 2 – Candidaturas de membros da família Rosado entre 1998 e 2022 para cargos parlamentares.



Fonte: TSE, 2024. Elaboração dos autores.

De acordo com os dados, é possível identificar o aumento de candidaturas de forma geral em comparativo com as eleições municipais em Mossoró, mas também vemos sua queda de forma ainda mais brusca do que a nível municipal. Seu ápice ocorreu em 2010, quando todos os membros da família que se candidatam conseguem se eleger. Rosalba Ciarlini venceu contra Iberê Ferreira (PSB) e Carlos Eduardo Alves (PDT) e tornou-se Governadora do Rio Grande do Norte. É acompanhada por Betinho Rosado (PP), na época ainda no mesmo partido que ela – Democratas (DEM), atual União Brasil –, e por Sandra Rosado e sua filha, Larissa Rosado (UNIÃO), como deputada federal e estadual, respectivamente. No entanto, também é após 2010 que, no âmbito estadual, sua influência começa a decair. Já em 2014 e 2018, o único deputado federal eleito foi Betinho Rosado Segundo. Em 2022, nenhum membro da família consegue se reeleger.

Observou-se que uma tendência a perder estes espaços foi identificada no âmbito municipal, com a derrota de Rosalba para o atual prefeito Alysson Bezerra, que tenta se descolar em sua atuação dessa hegemonia familiar, mas pela ideia de mérito e renovação. Este mesmo cenário aponta para as eleições do estado, que se deu com a vitória da atual governadora Fátima Bezerra (PT) quando derrota seu adversário Robinson Farias e Carlos Eduardo Alves, membros de duas famílias políticas tradicionais. Ainda assim, é importante salientar que estes membros não saem necessariamente do jogo político, ocupando em outras pastas estratégicas que os fazem permanecer dentro do aparelhamento do Estado.

A família Rosado está inserida em um contexto pós-governo Rosalba, que teve a pior avaliação entre os governos federais do Brasil⁷, diante disso, é possível estabelecer a hipótese de que, por se tratar de uma eleição a nível estadual, onde nem todos os eleitores são de Mossoró, o fracasso em âmbito federal de uma das figuras mais importantes da família atualmente pode ter influenciado nas eleições seguintes e iniciado o declínio da oligarquia Rosado depois de mais de 60 anos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi pesquisado, foi possível perceber que a família Rosado se manteve no poder político de Mossoró por muitos anos, utilizando diversas estratégias que convergem para a permanência da família na política, não apenas pelo prestígio e tradicionalismo, mas também porque, atualmente, pode-se compreender a vida pública da família como uma forma de capital econômico.

Monteiro (2016) explica que o grupo familiar existe como uma criação social passível de reproduzir estruturas já existentes. Em uma sociedade capitalista, a ampliação do capital constitui sua principal característica. Diante disso, o autor argumenta que, em um grupo oligárquico, o capital político-familiar pode se converter em capital econômico, tornando-se a base econômica desses indivíduos. Portanto, é no espaço público que esse capital econômico é mobilizado, ampliado e mantido.

A partir da segunda geração da família, é possível identificar esse movimento, especialmente quando Dix-Sept, após eleger-se, passa a coordenar os demais irmãos, envolvendo-os com sucesso na política institucional. Esse contexto fez com que a família Rosado passasse a integrar uma ampla “rede de parentelas”, que entram em conflito, se reconciliam, constroem e desfazem alianças com o objetivo de permanecer no poder e se manter entre as elites do Rio Grande do Norte (Lucas, 2019).

De acordo com os dados, construiu-se a hipótese de que o declínio da família teve início na política estadual, mais precisamente após o mandato mal avaliado e marcado por escândalos de Rosalba Ciarlini. Como demonstrado no Gráfico 2, a partir de 2014, o número de membros da família Rosado no parlamento diminuiu de forma considerável, chegando a desaparecer em 2022. Na política municipal, entretanto, observa-se esse movimento de forma mais lenta, mas ainda presente, especialmente nos pleitos de 2016 e 2020. Suas vitórias tornam-se progressivamente menos frequentes ao longo dos anos, o que indica um crescente descontentamento da população com as práticas políticas adotadas pelos membros da família, tanto no âmbito estadual quanto municipal.

Inicialmente, os Rosados estabeleceram-se não apenas por meio da construção de narrativas que os vinculam às raízes da cidade, à sua história e à sua cultura, de modo que se tornaria difícil pensar Mossoró sem associá-la à família, mas também pela idealização de que seriam os únicos agentes políticos

⁷ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2014/06/03/pior-governadora-do-brasil-rosalba-ciarlini-tem-reeleicao-vetada-pelo-dem.htm>. Acesso em 17 jan. 2024.

comprometidos com o desenvolvimento do município, por terem nascido e crescido na região. Nesse sentido, a política institucional era apresentada como um meio para um fim, e não como um objetivo em si. Esse discurso, contudo, não se sustenta na geração atual como ocorria anteriormente, sobretudo diante de um projeto político considerado falho, no qual não se identifica, por parte da população, um desenvolvimento efetivo da cidade de Mossoró.

Diante disso, destaca-se que o declínio da oligarquia política dos Rosados tem início em 2014, mas se consolida em 2020, com a derrota de Rosalba Ciarlini para a Prefeitura de Mossoró. Evidencia-se, assim, a influência que a família exerceu na cidade e como o poder local foi, por muitos anos, revezado entre os dois blocos familiares. No entanto, no cenário atual, embora a família ainda se mantenha atuante no campo político, observa-se que o poder dessa oligarquia se encontra fragilizado, e sua influência política já não se sustenta nos mesmos níveis de outrora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CIRILO, Bruno Emanuel Pinto Barreto. **A divisão política da família Rosado em Mossoró contadas nas páginas dos jornais o Mossoroense e Gazeta do Oeste: 1980-88**. Dissertação (Mestrado). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 2016. Disponível em: https://www.uern.br/controladepaginas/ppgcishdisserta%C3%A7%C3%B5es/arquivos/2963bruno_emanuel_cirilo_barreto.pdf. Acesso em 09 fev. 2024.

FALCÃO, Marcilio Lima. **No labirinto da memória: fabricação e uso político do passado de Mossoró pelas famílias Escóssia e Rosado (1902-2002)**. 2018. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. doi:10.11606/T.8.2018.tde-14082018-145756. Acesso em: 2024-01-11.

FERNANDES, Paula Rejane. **Vingt-un Rosado: o “ajuntador de papéis”**. Escrita da História, [S.l.], n. 2, p. 111-130, 2015. Disponível em: <https://www.escritadahistoria.com/index.php/reh/article/view/17>. Acesso em: 11 jan. 2024.

LEAL, Vitor Nunes. **Coronelismo, Enxada e Voto: o município e o regime representativo no Brasil**. 5.ed. São Paulo: Alfa-Ômega, 1986.

LEMENHE, Maria Auxiliadora. **Família, Tradição e Poder: o (caso) dos coronéis**. São Paulo: ANNABLUME/Edições UFC, 1995.

LIMA, Elizabeth Christina de Andrade. **A herança bendita**. Raízes: Revista de Ciências Sociais e Econômicas, v. 33, n. 1, p. 9-33, 13, 2013.

LUCAS, Ana Maria Bezerra. **Do rosadismo ao rosalbismo: a trajetória política da família Rosado - 1988 - 2014**. 2019. 212f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019. Disponível em:

<<https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/26940>>. Acesso em 11 jan. 2024.

MILLS, Charles Wright. **A Elite no Poder**. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1981.

MONTEIRO, José Marciano. **A política como negócio de família: os herdeiros e a força dos capitais no jogo político das elites da Paraíba (1985-2015)**. 290 f. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais. Centro de Humanidades. Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande - PB, Brasil, 2016. Disponível em: <<http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/1221>>. Acesso em 11 jan. 2024.

NASCIMENTO, Lerisson C. **Notas sobre poder local: a família Rosado e a política em Mossoró/RN**. Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais, n. 12, 2009.

SANTOS, George Henrique Ferreira dos. **Estrutura de poder no RN: a família Rosado no poder estadual (1945-1964)**. Orientador: Wicliffe de Andrade Costa. 1995. 62 p. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel e Licenciatura em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1995.

OLIGARQUIA, PODER E IMAGINÁRIO POLÍTICO: A TRAJETÓRIA E O DECLÍNIO DA FAMÍLIA ROSADO EM MOSSORÓ/RN

Resumo

O artigo analisa a trajetória política da família Rosado em Mossoró/RN, compreendendo-a como uma oligarquia atuante desde o início do século XX. A partir de abordagem qualitativa, baseada em revisão bibliográfica, e quantitativa, por meio do mapeamento de dados eleitorais, investiga-se a formação, consolidação e permanência desse grupo no poder, bem como seu declínio recente. O estudo examina as eleições municipais (2000-2022) e parlamentares (1998-2022), identificando padrões de candidaturas e êxito eleitoral dos membros da família. Além disso, discute-se a construção do imaginário político local, articulada à memória, à cultura e aos dispositivos simbólicos que associam a história da cidade à trajetória familiar. Os resultados indicam que, embora a família tenha exercido hegemonia política duradoura, observa-se um processo de enfraquecimento a partir de 2014, intensificado por reconfigurações no cenário político e pelo desgaste de seu projeto político junto à população. Conclui-se que, apesar de ainda presente, a influência da oligarquia Rosado encontra-se em declínio no contexto contemporâneo.

Palavras-chave: Oligarquia; Poder local; Família Rosado; Mossoró; Política.

OLIGARCHY, POWER AND POLITICAL IMAGINARY: THE TRAJECTORY AND DECLINE OF THE ROSADO FAMILY IN MOSSORÓ/RN

Abstract

This article analyzes the political trajectory of the Rosado family in Mossoró/RN, understanding it as an oligarchic group active since the early twentieth century. Based on a qualitative approach, through bibliographic review, and a quantitative analysis of electoral data, the study investigates the formation, consolidation, and persistence of this group in power, as well as its recent decline. It examines municipal elections (2000-2022) and parliamentary elections (1998-2022), identifying patterns of candidacies and

electoral success among family members. Furthermore, it discusses the construction of the local political imaginary, articulated through memory, culture, and symbolic mechanisms that link the city's history to the family's trajectory. The findings indicate that, although the family exercised long-standing political hegemony, a process of weakening has been observed since 2014, intensified by political reconfigurations and the erosion of its political project among the population. It is concluded that, despite its continued presence, the influence of the Rosado oligarchy is currently in decline.

Keywords: Oligarchy; Local power; Rosado family; Mossoró; Politics.

*OLIGARQUÍA, PODER E IMAGINARIO POLÍTICO: LA TRAYECTORIA Y EL DECLIVE
DE LA FAMILIA ROSADO EN MOSSORÓ/RN*

Resumen

El artículo analiza la trayectoria política de la familia Rosado en Mossoró/RN, entendiéndola como una oligarquía activa desde inicios del siglo XX. A partir de un enfoque cualitativo, basado en revisión bibliográfica, y cuantitativo, mediante el mapeo de datos electorales, se investiga la formación, consolidación y permanencia de este grupo en el poder, así como su reciente declive. El estudio examina las elecciones municipales (2000-2022) y parlamentarias (1998-2022), identificando patrones de candidaturas y éxito electoral de los miembros de la familia. Además, se discute la construcción del imaginario político local, articulado a la memoria, la cultura y los dispositivos simbólicos que asocian la historia de la ciudad con la trayectoria familiar. Los resultados indican que, aunque la familia ejerció una hegemonía política duradera, se observa un proceso de debilitamiento a partir de 2014, intensificado por reconfiguraciones en el escenario político y por el desgaste de su proyecto político ante la población. Se concluye que, aunque aún presente, la influencia de la oligarquía Rosado se encuentra en declive en el contexto contemporáneo.

Palabras clave: Oligarquía; Poder local; Familia Rosado; Mossoró; Política.